

O bosque e a angústia

Com um link para um abaixo-assinado veio junto uma enorme surpresa. O assunto me implicava. Não que todos os assuntos não nos impliquem, veja bem, estamos implicados em tudo, mas não o sentimos e nem o sabemos. E, nesse caso, eu o percebi imediatamente. Senti um desespero e além de assinar, comecei a repassar o link intensamente. Vi a lista passar de 3.500 assinaturas a 5.000 em menos de 48 horas. Muitas dessas assinaturas empurradas pela minha indignação. Postei nos comentários o meu contato. Os mais próximos me acharam descompensada, como se não tivesse mais nada pra me ocupar. Por outros caminhos, cheguei ao grupo que organizava o abaixo-assinado; era o movimento pela defesa do Bosque dos Salesianos. O grupo já se articulava, tudo corria veloz. Eram muitas vozes. Todos revoltados e decididos a não deixar acontecer. Muitas ações. Fui espalhando a causa: “venderam o bosque dos padres. Querem construir prédios ali.” Desde que nasci, o colégio dos padres é uma referência para o entorno, a vida do bairro. Mesmo que por trás do muro e inacessível à população. Bastava-me saber que ali o verde estava a salvo. Mas quem disse? Um bosque de 7.000m² vendido, duas torres para subir. Comunguei do mesmo terror do grupo.

Na vida, tem alguns que realizam grandes feitos. E tem também aqueles que não acreditam que nada possa ser feito ou modificado. Implícita na questão, temos a noção de destino; a crença nele como algo pronto. Mas, para além dessa crença, temos a incerteza e a angústia. Convivemos com elas diariamente.

“No princípio da Incerteza de Werner Heisenberg (1901 – 1976), ele utilizou a dualidade onda-partícula para mostrar que jamais se consegue medir exatamente nem a posição de uma entidade como o elétron, nem seu momento, ao mesmo tempo. A dualidade onda-partícula às vezes é conhecida como complementaridade, porque os dois aspectos completam um ao outro, não se pode ter um sem o outro. Expandindo esses conceitos entendemos que passamos de um mundo determinista para um mundo de possibilidades. A Física Quântica é o ponto de transição, a partir dela não somos mais vítimas passivas dessa realidade, o próprio ato de observar perturba o fenômeno, mesmo que essas perturbações tenham um certo valor finito.”

(FERREIRA, M.Z.J., 2007. P 116.)

A citação acima me veio à mente por causa do destino. Embora complexa, podemos traduzi-la num modo que faça sentido para nós. Algumas pessoas me procuraram: “Você acha que teremos sucesso na causa?” e “Será que vai dar certo?” Que resposta temos?! Quem ainda tem no peso do antigo paradigma a visão da realidade em que poder, dinheiro e política majoritariamente decidem a vida de todos à custa do sacrifício dos mais vulneráveis (aqui o bosque e seus animais) inexoravelmente, não crê que seja possível mudar o rumo da história. Mas essas pessoas nem se mobilizaram. Quem vê nas vozes que se levantam sistemicamente uma transformação -- em diversos movimentos pela cidade, país e em toda parte -- clamando pelo verde e dizendo “não!” aos interesses puramente econômicos, sabe que não temos um desfecho pronto para essa história, e que cada ação que tomamos determinará o resultado. Entre as duas visões de mundo transitamos, com estados de ânimo oscilantes. Ora nos sentimos confiantes e vigorosos para seguir, ora nos sentimos derrubados e querendo desistir. E, independentemente disso, no que diz respeito ao bosque, com esperança ou sem, agimos. Agimos por um senso inequívoco de que é o certo a fazer. Um herói, para Joseph Campbell, é alguém que se entrega por algo maior do

que si mesmo. Questões profundas do Humano se enceram em assuntos em que saímos do nosso mundinho. E todas elas fazem valer a pena a aventura da defesa do bosque.

Então, neste sentido, muitas coisas muito legais têm acontecido. Descobri vizinhos incríveis, com habilidades técnicas e qualidades humanas notáveis e raras. Conheci pessoas realmente amorosas. Empenhadas. Generosas. Agindo com amor. Ao mesmo tempo em que vemos o ego, sempre ele, transtornando! Grandes ideais desditos por ações pequenas. Assim somos nós, tão humanos. Descobri que um bosque ameaçado mobiliza as pulsões mais viscerais e imprevisíveis de cada um. Descobri que amo e odeio quase ao mesmo tempo. E que sou bem mais passional do que me percebia. Lembro da sensação (desagradável) de largar tudo para simplesmente fazer o que precisa ser feito. Lembro do medo que vem com isso e de respirar fundo para fazer o necessário. Mas vi também nascer um senso de grupo instantâneo onde não imaginava. Claro que tudo é muito volátil, mas a união em torno de um propósito comum faz, sim, milagres. E quando esse propósito é a vida, as árvores, os pássaros, os animais e a flora tão exígua da cidade, essa união é quase pacto de sangue.

Quando perguntada, nesta semana, em como “estava sentindo o movimento” minha resposta “uma montanha russa de sentimentos” encontrou eco. Talvez todos estejamos nos sentindo assim... Talvez não tenhamos ainda parado para pensar no turbilhão que virou a nossa vida quando dissemos internamente “isso não pode acontecer!” e talvez também ainda não tenhamos percebido, mas estamos “emboscados” até o cabelo. E muitas mãos têm surgido para nos apoiar, muitos espaços vêm se abrindo e vozes têm se colocado por nós. Tudo isso nos faz perceber as respostas se construindo em torno de um caminho se abrindo. Não há um caminho pronto. Nem um destino pré-determinado. Mas entre a incerteza e a angústia, há a percepção de que juntos conseguimos o que sós não temos como conseguir. E a intenção é que abre o caminho. Assim vai se desenhando a continuidade de um bosque, agora nosso.